AS FILIADAS DA «M. P. F.» SAÚDANDO S. EX.ª O SR. PRESIDENTE DA RÈPÚBLICA À LARGADA DO «COLONIAL»

SUMÁRIO

N.º 3

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

BOLETIM MENSAL

LISBOA, JULHO DE 1939

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina.
Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8.
Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.º 6 — Lisboa

PREÇO AVULSO: 1$00

NÃO SER MEDIOCRE...

AQUI está uma palavra de sentido profundo e total. Uma frase de valor.

E lembro aquele pensamento que bem me parece ser de Guynemer, um herói do ar:

«Quando se dá um passo fóra da mediocridade — está-se salvo».

Entendei-me agora bem sôbre o que seja a mediocridade.

Ser mediocre — é não render, é não dar tudo quanto se pode e deve dar;

Ser mediocre — é gostar de andar pela tangente — contentar-se com a bagatela;

Ser mediocre — é ter o culto da coisa somenos, dos pensamentos triviais, das acções género *bric-à-brac*.

Mediocre — é a que não traz a alma cheia de grandes e nobres aspirações e que as não deseja e quere realizar a todo o custo;

Mediocre é ser *coquette* — é ser banal; é pertencer ao género comum; é morrer na modorra a bocejar de enjôo por todos e por tudo — é ter a alma vasia — o coração vasio é ser 0=zero!

Se conhecesseis Jacques Rivière—havia de vos confiar êste seu belissimo pensamento:

«J'aime mieux souffrair que de consentir à la moindre diminution»: — vale mais sofrer tudo do que consentir em nos diminuirmos».

Nem como filha — nem como irmã — nem como noiva — nem como estudante — nem como portuguesa — nem como cristã...

Não consentir em ser mediocre!

Encher bem o nosso lugar...

Encher bem a nossa hora...

Cumprir!

Um oficial francês, surpreendido pela morte, em Marrocos, dictou aos que lhe assistiam estas palavras, como testamento para o filho que estava longe:

«dizei-lhe mais tarde para que viva intensamente».

Viver a vida *intensamente* — é não ser *mediocre.*

«Viver intensamente», comenta H. Bordeaux, é viver com todo o coração, com tôda a vontade por um fim que fique depois de nós, e que por isso nos ultrapassa: — família, nação, arte, ciência, honra — pela lembrança que ficará depois de nós, por esta chama sagrada que devemos levar como os corredores doutrora sem a extinguir, mas transmitindo-a mais acesa e mais alta às gerações que se seguirem a nós».

Ser mediocre...

Mas tu não queres, não podes, não deves ser *mediocre.*

G. A.

VIAJAR...

VAI começar a debandada. Mas, nesta ocasião, *partir* não é, como canta o poeta, "mourir un peu". *Partir,* quando chegam as férias, é viver, viver num quadro novo e mais largo, viver mais intensamente uma vida que se multiplica em mil impressões que se recebem.

Talvez a nossa viagem não seja longa... Pode ser que o comboio nos deixe logo nos arredores de Lisboa. Mas quer fiquemos a dois passos da capital, quer nos afastemos dela, há sempre alegria nos preparativos duma partida para férias.

Não fica mal a ninguém essa alegria, pelo contrário: a alegria pode ser uma fórma de acção de graças a Deus.

Vamos partir! Bendito seja Deus por esta alegria que a sua bondade nos preparou. E esta alegria aproveitêmo-la bem, gosando-a e tirando dela o máximo de utilidade.

Se as nossas férias nos reservam o prazer duma viagem por lugares que ainda não conhecemos, *aprendamos a viajar.*

Viajar não é apenas meter numa mala muitos vestidos, entrar num comboio e dormitar a um canto duma carruagem achando uma *maçada* as horas do caminho; viajar não é apenas transportarmo-nos dum lado para o outro sem olhos para ver, nem espírito para observar, nem coração para sentir tudo quanto pode fazer o encanto duma viagem para quem sabe apreciar as obras de Deus e as obras dos homens e encontrar a alma das coisas e a poesia dos seres.

As filiadas da Mocidade precisam de aprender a viajar porque as viagens podem contribuir maravilhosamente para a sua cultura e formação, se souberem ler no grande livro ilustrado que é a nossa terra e que é o mundo!

Enquanto o comboio ou o automovel vos leva, abri bem os olhos! Os vossos olhos que se abrem com tanta curiosidade deante dum pano de cinema e que se desinteressam talvez do filme colorido e maravilhoso que se vos desenrola na frente com um encanto e uma vida que a arte procura atingir sem nunca conseguir igualar!

Abri bem os olhos! Deixai-os pousar, subir, voar, encher-se de luz e de beleza.

Existe uma diferença imensa entre a lições dos livros e as lições da natureza.

Aquela serra, de que no compêndio de geografia aprendestes a altitude — mas que estáveis longe de avaliar a grandeza — olhai como é bela na sua imponência!

Aquele rio, que na escola aprendestes onde nasce e onde vai desaguar, — mas que até agora não era para vós mais do que um risco no mapa — olhai como é lindo com o seu cortejo de salgueiros nas margens!

Aquela cidade, de que vos ensinaram o número de habitantes — mas que ficou sem alma para vós — olhai como vive e se espiritualisa na tôrre daquela igreja ou na lição daquele monumento!

Esta província, de que conhecieis pelos livros a divisão administrativa e os produtos agrícolas — mas que até hoje não tinha para vós personalidade — olhai como é interessante nas suas características regionalistas, nos costumes do seu povo e nas riquezas da sua cultura!

Tendes aprendido muito a estudar... Mas bem pouco sabeis ainda!

Aprendestes que no Minho as videiras se enlaçam nas árvores... Mas olhai como é belo êsse abraço!

Aprendestes que as planícies do Alentejo são o grande celeiro de Portugal... Mas a alma da planície só a encontrareis pairando sôbre êsse mar verde... ou dourado... e sob êsse céu profundo onde num silêncio que nada perturba palpita a vida e fala Deus!

Aprendestes que na costa de Portugal existem numerosas praias.. Mas quem vos poderia revelar a beleza do mar?! Do mar tão grande e tão belo que só a nossa alma o pode compreender depois dos nossos olhos o terem contemplado!

Abri bem os olhos! E do que é grande passai-os para o que é pequeno. Tudo tem o seu encanto.

Olhai como até as flores mais humildes, os tojos e as urgueiras do mato, são lindas!

Olhai como em tôda a aza que corta o espaço há a graça duma criação divina!

Olhai como o fumo das aldeias tem poesia! Como o poente tem religiosidade! Como o sol e a lua, como as nuvens, a chuva e orvalho, como o mar e as montanhas, como as fontes e os rios, como as plantas e os animais, como tudo merece a vossa atenção, porque tudo possui bondade e beleza, porque tudo tem utilidade para nós e tudo glorifica o Senhor! Abri bem os olhos e arrecadai na vossa memória ou fixai nas páginas dum caderno todos os conhecimentos e impressões que recolherdes nas vossas viagens: serão um belo complemento para os vossos estudos, com êles podereis *ilustrar* o texto das lições que vos são dados na escola — bem sabeis que, hoje em dia, um livro que não é ilustrado não tem interêsse.

E compartilhai com o vosso Boletim as riquezas recolhidas durante as vossas férias.

COCCINELLE

Enviai-nos fotografias de paisagens, de monumentos, de costumes regionalistas, etc., acompanhando as fotografias duma pequena descrição que não exceda 20 linhas

ONTEM HOJE E SEMPRE...

A rapariga é o encanto de todos, é a promessa da vida e só a podemos desejar sincera e leal, pura como a açucena e simples como a violeta.

Não a tímida môça de outros tempos, mas a corajosa rapariga que se arma para vencer na vida, não preocupada só com frivolidades, mas que também não esquece que será mulher e que a feminilidade será um dos seus grandes encantos.

E sobretudo que a rapariga não se julgue fruto único no mundo, que não pense que só na sua época houve raparigas, que se não desprenda do passado e se não antecipe ao futuro.

Ao olhar a galeria de retratos das antepassadas, ao ver êsses rostos que os complicados penteados emolduram, essas figuras que os vestidos de ancas desmesuradas tornam majestosas, as raparigas de hoje não devem sorrir com desdém.

Essas foram as raparigas da sua época e já elas pensavam em como as suas avós da Edade Média tinham uma vida atrazada e insípida, e já elas se consideravam, e eram, o modernismo do seu tempo.

Essas posições estudadas dos velhos retratos do século XVII e XVIII, posições que a nós nos parecem falsas e pretenciosas, já eram atitudes ousadas, comparadas com a modéstia das castelãs de outras eras, que só viviam para a vida claustral nos seus feudos de soberba tirania.

E' que a Mocidade esquece sempre que antes dela houve já muitas mocidades, que o seu lugar já foi ocupado por muitas gerações e que de umas para outras se foi fazendo essa lenta evolução que nos dá a Mocidade livre e descuidada dos tempos presentes.

E esta gente môça de atitudes simples, despretenciosa, desportiva, que se aproxima da vida simples e sã, será considerada, talvez, pelas gerações vindouras, como uma Mocidade atrazada de hábitos antiquados.

Mas sôbre a Mocidade de hoje pesam grandes responsabilidades porque tendo a rapariga atingido, na vida um grau de liberdade que nunca tiveram as raparigas de outras épocas, tendo conseguido uma vida de estudo quási igual senão já completamente igualada à do rapaz da sua época, tem fatalmente de preparar o futuro da rapariga de ámanhã e êsse futuro será o que ela hoje lhe fizer, como o seu lhe foi preparado pela mulher de ontem, desde tempos imemoriais, pouco a pouco, de geração para geração, no anseio sempre contínuo dum pouco mais de liberdade.

A Mocidade de hoje tem de preparar a Mocidade de àmanhã e lembrar-se que lá virá o tempo em que já não será môça e em que precisará de encontrar à sua volta o ambiente que a sua Mocidade hoje prepara.

E não será mau que, recordando as qualidades da mulher de outro tempo, lhe fique com êsse amor de família e dos seus que lhe deu a primazia no lar e fazia da mulher o esteio de todos os que ela amava.

E não será mau transmitir também essa indispensável qualidade às gerações vindouras, para que a mulher possa através de todos os tempos manter a soberania do seu afecto dentro do círculo familiar e para que, adquirindo qualidades novas de independência e energia, não perca as antigas de dedicação e afecto.

A Mocidade foi, é e será sempre arrojada e inovadora, entusiasta e exuberante, mas o que é necessário é que não seja egoista e se não feche no ciclo da sua época.

Rapariga de hoje, alegria da vida; que a compreensão do que és e do que deves ser te leve a um aperfeiçoamento de qualidades morais, intelectuais e físicas, que te façam o élo mais forte da cadeia que une as gerações umas às outras, e que, unindo-te a ontem, continues àmanhã, para que a mulher seja sempre a coluna forte do lar e o exemplo de virtudes, e para que o seja *ontem, hoje e sempre . . .*

MARIA D'EÇA

FALANGE ESPANHOLA FEMININA

A secção feminina da Falange Espanhola realizou em Medina del-Campo uma grande concentração que foi uma das festas da Vitória mais emocionantes.

As mulheres de Espanha também quiseram prestar a sua homenagem ao Exército, oferecendo ao general Franco "bandeiras, louros e rosas e todos os frutos que produz a Pátria, esta Pátria que vos pertence, disse Pilar Primo de Rivera, porque a haveis conquistado com as vossas armas".

Tôdas as províncias espanholas, representadas por raparigas vestidas com trajes regionais, desfilaram perante o Chefe do Estado a quem entregaram os seus dons: flores de Sevilha, laranjas de Valença, trigo de Castela, azeite de Córdova, vinho de Toledo... Tôdas as riquezas do solo Pátrio que durante os anos de guerra foi tão abundantemente regado com sangue e lágrimas!

Pilar Primo de Rivera, delegada Nacional da Falange, pronunciou nessa ocasião um discurso em que se referiu ao que foi a acção das mulheres e das raparigas da Falange durante a guerra, o que foi o seu esfôrço de caridade e de sacrifício ao serviço da Pátria e a que ponto chegou a sua generosidade e a sua imolação pela causa de Deus.

Mas as suas palavras breves ficaram longe de relatar dum modo suficiente o que foram os serviços da Falange — e é justiça dizê-lo bem alto ao mundo inteiro!

Se os soldados nacionalistas receberam na frente da batalha certos mimos que adoçaram essas horas amargas, foi porque as raparigas e as mulheres da Falange estenderam incansávelmente a mão para recolherem donativos em dinheiro e em espécie.

Tabaco, bolos, licores, chocolates, etc., tudo elas enviavam aos combatentes, em pacotes carinhosamente enfeitados, para que, com êsses presentes, os soldados recebessem também o afago fraternal das que pensavam neles!

E se milhares de crianças não sentiram tão dura a sua orfandade, foi porque as raparigas e as mulheres da Falange cuidaram delas, recolhendo as abandonadas e dando de comer às que tinham fome.

E se a terra espanhola continuou a dar pão, foi porque as raparigas e mulheres da Falange lançaram mãos dos instrumentos agrícolas que os homens abandonaram para pegar em armas.

E se não faltou quem tratasse dos feridos, foi ainda porque as raparigas e as mulheres da Falange deixaram a sua casa para prestar serviços nos

PILAR PRIMO DE RIVERA
Chefe Nacional da Secção Feminina da Falange Espanhola

hospitais e até nos campos de batalha onde choviam as granadas e onde tantas morreram na sua heróica missão!

E se os combatentes tiveram fardas e tiveram roupa para vestir, foi porque muitas mulheres e raparigas da Falange não largaram a agulha durante todo o tempo da guerra, trabalhando sem descanso!

E se os combatentes puderam, numa campanha que durou anos, conservar o asseio indispensável à saúde e ao bem-estar, foi porque muitas raparigas e mulheres da Falange lavaram a sua roupa e a coseram, a remendaram e passaram a ferro!

E se em horas de tréguas e durante as licenças os combatentes esgotados que recolhiam à rectaguarda encontravam lugares de repouso, bibliotecas e distracções, meios de refazer as fôrças e distraïr o espírito, foi ainda porque as raparigas e mulheres da Falange criaram para êles a "Obra do descanso do soldado".

E quem poderá contar tôdas as modalidades que tomou a sua caridade?

Obra admirável e abençoada que, sob outros aspectos, se continuará na paz.

A guerra, como não poderia deixar de ser, atirou a mulher e a rapariga espanhola para a acção exterior e até para o campo da batalha, multiplicando a sua actividade em todos êstes serviços extraordinários, mas Pilar Primo de Rivera disse no seu discurso de Medina del-Campo que, chegada a hora da paz, a mulher e a rapariga da Falange voltam ao lar.

E traçou o plano da sua futura actividade: bendita tarefa a favor da família.

Pilar Primo de Rivera prometeu ao general Franco que "a Falange procurará tornar tão agradável ao homem a vida de família que dentro da casa encontrem tudo aquilo que dantes lhes faltava..."

"Ensinaremos a mulher a cuidar dos filhos e a formá-los no amor de Deus..."

"Ensinar-lhe-êmos também a cuidar do arranjo da casa e dar-lhe-êmos o gôsto pelos lavores artísticos e pela música..."

Foi com o maior prazer que vimos que o programa da Falange Espanhola é idêntico ao da Mocidade Portuguesa Feminina: "a reconquista do lar e a formação dos filhos e das mulheres espanholas", como disse o General Franco respondendo ao discurso de Pilar Primo de Rivera.

Também nós temos a preocupação da família, também nós orientamos para o lar a formação das nossas raparigas.

Ensino doméstico e puericultura, princípios de ordem e economia, cultura artística e educação física, formação moral e religiosa, tudo tem como fim na "Mocidade" preparar boas mãis, boas esposas e boas donas de casa, e, se as nossas raparigas ficarem solteiras, mulheres sãs e úteis, com carácter e com ideal.

Parece-nos que não ficam mal ao lado das promessas de Pilar Primo de Rivera as afirmações da Mocidade Portuguesa Feminina. O mesmo "bom espírito" inspirou os dois movimentos nacionalistas.

E', pois, com a maior simpatia e o mais profundo respeito que nos sentimos felizes em prestar nas páginas do nosso Boletim esta pequenina homenagem a Pilar Primo de Rivera, ilustre presidente da secção feminina da Falange Espanhola, a quem fraternalmente estendemos as mãos, unidas no mesmo ideal que ao serviço da Pátria — cada um dentro das suas fronteiras — e ao serviço de Deus — sob a mesma bandeira — faz de tôdas nós irmãs!

M. J.

na praia do Estoril

MANHÃ luminosa. Céu azul, água azul. Paz, pureza e alegria nas coisas de Deus. Só fazia pena o espectáculo triste de tanta imoralidade que nessa e noutras praias se ostenta com pretextos de higiene ou pretensões de elegância.

Consolador contraste! No meio dêsse nudismo sem beleza, um grupo de raparigas destacava-se gracioso, dando na sua despreocupada alegria uma grande lição de moral aos que julgam que o prazer é irmão da imoralidade e a beleza tem de andar divorciada da virtude!

Os nossos olhos acompanhavam-nas contentes, sorrindo para a sua alegria, revendo-nos na sua graça e bemdizendo a Deus pela sua correcção.

A máquina fotográfica apanhou em alguns instantâneos quadros dessa manhã na praia.

Olhai como as nossas raparigas — pois trata-se dum grupo de filiadas da M. P. F. de Lisboa e de Cascais — parecem bem com os fatos de banho que o Comissariado Nacional aprovou para as suas filiadas.

Dizei-me: não gostais de as ver, como eu gostei?

Não achais êsses fatos bonitos, a-pesar-de serem talhados dentro dos moldes da modéstia cristã?

Não é verdade que há maior encanto numa rapariga que assim se apresenta como *rapariga*, do que outras, que nos deixam a impressão desencantada de *mulheres* já sem pudor?!

(Fotos Mário Novais)

Filiadas da Mocidade, cumpri o vosso dever!

Ponde de lado o *maillot* feio e impróprio da vossa candura e daquele ideal que a "Mocidade" aponta às vossas almas!

Lembrai-vos que o respeito humano é uma indignidade.

Tende personalidade e coragem para afirmar essa personalidade, não vos acanhando de aparecer correctas, mas sabendo dar alegremente o exemplo.

A vossa influência, pelo exemplo, pode ser enorme. As modas não são imutáveis e está nas vossas mãos fazê-las mudar.

Se as raparigas da M. P. F., num belo movimento de conjunto, se apresentassem em tôdas as praias com o fato de banho da Mocidade fariam uma revolução na moda: a moda seriam elas que a imporiam!

O exemplo arrasta, tanto para o bem como para o mal. — "Se F. usa *maillot*, porque não hei-de eu usá-lo?!"

E com essa desculpa, que não é desculpa, se desculpam a si mesmas — até aquelas que no fundo da sua consciência sentem remorsos e vergonha...

Mas o bom exemplo — graças a Deus! — também é uma fôrça. E quantas vezes basta uma atitude enérgica e desassombrada para renovar os costumes.

Raparigas da Mocidade, o vosso dever é reagir contra tudo o que é mau. Se vos criticarem, que vos importa? A um sorriso respondei com outro sorriso. E tende a certeza que haveis de vencer: o bem vence sempre o mal quando as almas são nobres e corajosas.

De resto, não terão nenhum motivo para vos criticar: só terão que vos louvar e imitar.

Vesti com orgulho o fato de banho da Mocidade; êle fala por vós e diz aos que vos vêem quem vós sois: *verdadeiras raparigas* alegres e saudáveis — mas puras.

M. J.

AVISO

Os fatos de banho aprovados pelo Comissariado Nacional e que devem ser usados por *tôdas* as filiadas da M. P. F., estão à venda na casa **RAMIRO LEÃO: Rua Garrett, 83, Lisboa**, para onde podem ser requisitados de todo o País.

A viagem presidencial a África

PARTIU no dia 17 de Junho para uma longa viagem às colónias portuguesas de Cabo Verde e Moçambique, devendo também visitar a União Sul Africana, correspondendo ao honroso convite que lhe foi feito, o senhor General Carmona.

Esta viagem presidencial tem um alto significado: o senhor General Carmona vai, não só afirmar a nossa soberania sôbre êsses vastos territórios que portugueses conquistaram e civilizaram, mas estreitar laços de solidariedade e amizade com povos visinhos com as boas relações dos quais só temos a ganhar

Missão importante a do Chefe do Estado Português; mas o senhor General Carmona está bem à altura dessa missão. O senhor General Carmona leva aos nossos irmãos de além-mar e aos estrangeiros que se preparam para o receber o que de melhor existe em Portugal: o seu coração de oiro e o seu fino tacto político. Qualidades de homem e qualidades de Chefe de Estado que fazem do senhor Presidente da Rèpública uma figura respeitada e bem amada por todos.

Poderá existir maior exaltação e entusiasmo, maior fanatismo até por outros Chefes de Estado. Mas nenhum, de-certo, inspira êste amor delicado, a que podemos chamar ternura, que nós damos ao nosso querido e venerando Presidente.

As manifestações que lhe foram feitas à despedida revelaram bem o carinho e o respeito que todos lhe tributam.

O aspecto do Terreiro do Paço era magnífico. Vista do rio, a grande praça era uma mancha negra de gente onde brilhava o campo de neve de marinha.

Milhares e milhares de pequenas bandeiras nacionais, que a multidão empunhava, punham uma nota garrida e alegre.

Bandos de pombas esvoaçavam pelo ar, e esquadrilhas de aviões eram como bandos de grandes aves também.

O rio encontrava-se coalhado de embarcações embandeiradas, e, se em todos os barcos se notava animação e alegria, que diremos do barco da Mocidade Portuguesa Feminina?!

E' ver as fotografias que acompanham estas palavras.

Perto das 18 horas ouviu-se um toque de sentido. Passam cavalos: a escolta do senhor Presidente da Rèpública.

O barulho dos motores e dos aviões é coberto pelas aclamações.

Quando chega o momento do senhor Presidente da Rèpública embarcar, o entusiasmo é indescriptivel. Voltado para o Terreiro do Paço, o senhor General Carmona saúda e sorri.

Boa viagem! Adeus! dizem os nossos lábios e os nossos olhos cheios de lágrimas de emoção. Boa viagem! Adeus! dizem as bandeiras com que de tôda a parte lhe acenam.

A vedeta que conduz o senhor General Carmona afasta-se em direcção ao "Colonial" onde o senhor Presidente não tarda a aparecer na ponte.

O barco da M. P. F. aproxima-se do "Colonial" e, ao reconhecer-nos, o senhor General Carmona tem um movimento expressivo de simpatia.

A senhora D. Maria do Carmo Fragoso Carmona também nos distingue com o seu sorriso.

Nas mãos que as agitam, as pequenas bandeiras nacionais parecem ter alma. E' um espectáculo lindo! Andam vivas pelo ar. Os barcos salvam. As sereias ensurdecem-nos. Mas a nossa alegria soa mais alto!

Às 18,20 horas o "Colonial" largou. Seguimo-lo de perto. No nosso barco as raparigas cantam.

Ao chegarmos à Tôrre de Belém é dada ordem para regressarmos. Voltamos para trás, mas com tanto pena! Felizmente é dada contra-ordem. Mudámos de rumo, de novo na rota do "Colonial". Que alegria! O nosso barco é agora o último do cortejo. O sol marca uma estrada de prata pelo mar. Como nos atrazámos um pouco, já não chegamos a tempo das últimas despedidas que o senhor Presidente da Rèpública recebe antes de seguir, para lá da barra, só acompanhado pelos navios de guerra "Afonso de Albuquerque" e "Bartolomeu Dias".

Foi o nosso único desgosto nesta tarde: ter-nos faltado o último sorriso do senhor General Carmona ao deixar Portugal.

Mas... iremos recolher êsse sorriso na alegria das boas-vindas, na hora do regresso!

MARIA JOANA MENDES LEAL

(Fotos Mário Novais)

PÁGINA DAS LUSITAS

POR MARIA PAULA DE AZEVEDO

ERA UMA VEZ... o POÇO sem fundo

NA aldeia de Santo Evaristo havia um poço em plena serra, que se dizia encantado: pois por mais que se cavasse o lôdo e profundasse, nunca se lhe encontrava o fundo! E, para mais, exalava um cheiro tão estranho... Era obra de bruxedo, pela certa. Quantos e quantos homens se tinham já aventurado naquele trabalho violento, descendo as perigosas paredes do poço, amarrados com cordas, tentados pela lenda que corria! Quem chegasse ao fundo, dizia a lenda, encontraria a fortuna!

Todos, porém, desistiam ao fim de alguns esforços.

Entre os rapazes de Santo Evaristo é certo que o Manuel das pestanas, assim chamado por ter longas pestanas, negras e sedosas, a assombrear-lhe os olhos cinzentos, era um dos mais estimados. Sem pais desde os três anos, vivia com a velha avó, — a Ti'Martinha; e a-pesar da sua grande pobreza o amôr que ligava aquelas duas almas era como uma luz suave que iluminava a casita desconjuntada.

A Ti'Martinha tinha setenta anos, mas mexia-se bem: apanhava lenha morta nos pinhais, fazia recados a uns e a outros, ia à fonte buscar cântaros de água e a alegria da sua vida era o neto, filho de sua filha adorada, morta na flôr da vida. Pobres como eram, viviam felizes os dois; a avó tratando da casita, o rapaz, passados os anos da escola, trabalhando nas terras à jorna.

A Ti'Martinha disse-lhe uma vez:

— Vai sendo sempre trabalhador como tens sido, Manél, que ainda um dia hás-de encontrar a fortuna no poço...

— Vocemecê tem cada cisma...— respondeu o rapaz.

— Caes cismas! — ralhou a avó — são coisas que eu sei.

— Quem lhe disse essas coisas, avózinha?! — tornou Manuel, com meiguice e curiosidade.

— Nem mais nem menos... que a tua madrinha. — O rapaz escancarou os olhos.

— A minha Madrinha!! Então não era a boa Maria sineira, que morreu pelo S. João? A Ti'Martinha abriu a bôca desdentada e respondeu:

— Chega-te às brazas, rapaz, que o tempo está para isso, e escuta. Quando tu nasceste, andava teu pai a trabalhar no poço. E a pobre da tua mãi ia para a serra a chorar e a gemer que cortava o coração. E um dia que adormecera, encostada à beirinha do poço, apareceu-lhe uma mulher muito linda, tôda vestida de branco, coberta com um véu mais fino que uma espuma... E ouviu uma voz que dizia assim:

"*Alivanta-te, Maria, e deixa-te de choros. Vai tratando mas é de bem educar o teu filho — para que trabalhe com fôrça e vontade: faz dele um homem às direitas, e êle achará a fortuna no fundo do poço!*„

A tua mãi quiz levantar-se, mas qual! A tal mulher ainda disse: "*serei eu a madrinha do teu Manuel; comigo sempre a seu lado, — êle achará a fortuna: eu chamo-me* ***vontade!*** Tua mãi abriu os olhos, mas não viu ninguém.

— Foi sonho que a minha rica mãi teve, avósinha.

— Eu cá não sei se foi sonho se que foi; mas lá que ela ouviu isto tudo — é que é certo e bem certo, Manél. — Nessa noite não falaram mais no poço, mas daí a tempos a avó notou que o rapaz muitas vezes se atardava na serra, enxada ao ombro, picareta na mão...

E um dia começou a trabalhar no poço, com alma e coração.

— Com a *vontade* a meu lado... quem sabe lá? — murmurou.

Largara todos os outros trabalhos; e todos os dias descia ao poço, amarrado com grossas cordas, sem um desfalecimento, com uma tenacidade admirável. Uma tarde, porém, sentiu uma tontura na cabeça... Um cheiro acre e estranho entrou-lhe pelo nariz: Manuel aflito, largou tudo das mãos, e, com as pernas enterradas no lôdo, perdeu os sentidos... Era já noite quando a pobre avó, cheia de pavor, se curvou sôbre a borda do poço, chamando:

— Manél, meu Manél, estás aí? — Nem um som vinha do fundo do poço... E a pobre velhota, correndo quanto lh'o permitiam as suas pernas, foi pelas ruas da aldeia a pedir que acudissem ao neto.

Juntou-se muita gente à beira do poço, e puxando pelas cordas conseguiram tirar o corpo inerte de Manuel.

— Quer vocemecê que vá chamar o médico novo? — lembrou o boticário. E logo foram a correr até à hospedaria, onde na véspera se alojara o novo médico do partido. No meio duma turba calada e respeitosa, o jóvem médico auscultava o rapaz, fazia-lhe a respiração artificial... De-repente, porém, aspirou com fôrça a roupa de Manuel, a manta que haviam retirado do fundo do poço, impregnada daquele mesmo cheiro acre e estranho, e exclamou:

— Mas isto é um achado maravilhoso! Mas isto é a fortuna que o rapaz encontrou no poço!

Manuel, voltando a si, olhava em redor, espantado.

Este poço é de petróleo! — continuou o médico. — E vale muitos centos de contos!

Manuel, radiante, abraçou o médico com fôrça, e exclamou:

— A *Vontade* é que me valeu! A *Vontade* é que me deu fôrças para o trabalho: tudo se consegue quando a gente a tem comnosco!

E, vendidos os direitos a uma Companhia exploradora de Lisboa, Manuel adquiriu uma fortuna e viveu na maior felicidade devido à sua esperteza e ao seu trabalho.

MEMÓRIAS dum LÚLÚ branco

OS seis da família são: o Martinho, garôto barulhento de 14 anos; o José Manuel, com o cabelo todo encaracolado e uma carinha de riso; a Manuela que me dá sapatadas no focinho (o que eu detesto); a Mimi, por quem eu tenho verdadeira adoração; o Toneca, que é muito refilão com todos e o Mário, de quem não gosto nada e que tem só 3 anos. Todo êste rancho é bastante bulhento; e muitas vezes me perturbam os meus soninhos durante o dia... Mas que remédio senão aturar a creançada — não têm coitaditos, o raciocínio claro dum Lúlú como eu. O que vale é que se deitam cêdo — e depois de saírem da sala grande que socêgo! Enquanto lá estão é um inferno e não se cansam de jogar o "Ping-Pong" numa grande mesa; ficam fulos quando eu, para ser amável e delicado, apanho as bolinhas que cáem no chão a todo o momento! Ingratos!...

Depois de se irem deitar os mais pequenos, os pais, a avó e o mais velho (o Martinho) resolviam fazer *uma partidinha* como êles dizem. Sentam-se todos quatro, (muito sensaborões, valha a verdade) à roda duma mesa, todos de olhos de vidro no nariz e com uns cartões exquisitos na mão. Era tão aborrecido vê-los naquela sensaboria que me dava um sono instantâneo: escolhia o melhor tapête da sala, o mais fôfo, (o de tons azues que se harmonizavam com a minha brancura) e, soltando um suspiro profundo, adormecia.

Que socêgo naquela enorme e linda sala!

De vez em quando ouvia-os falar: diziam palavras sem nexo, só por dizer, e no fim davam uns aos outros montes de feijão frade! Nunca entendi para que era aquele feijão assim crú, que êles, de resto, não comiam ali!

Mas o pior era quando davam as dez horas... Acabava o meu socêgo sôbre o tapête! Com as orelhas bem erguidas punha-me a escutar os passos do Zé António (um garôto insuportável e desastrado que lá havia) que se aproximava para me levar...

Tentando comovê-los a todos, eu ia ter com êles debaixo da mêsa: pousava o meu focinho de rapôsa sôbre as pernas de cada um, olhava-os com tal tristeza que deviam comover-se realmente... Mas os corações das pessoas estão longe de ser sensíveis como os dos cães. E o brutinho do Zé António lá me levava.

A's vezes sinto-me bastante desconsolado e incompreendido...

A não ser a Mimi (que lê no meu espírito como num livro aberto) eu bem percebo que a maior parte das vezes não me compreendem!

Mesmo o dono, o adoradíssimo dono, raras vezes entende bem o que eu lhe ladro, por mais que eu berre!

Depois do jantar vão todos para a sala e êle senta-se (eu não chamo àquilo sentar, pois mais parece que se deitam de costas do que outra coisa), na poltrôna, põe as mãos nas algibeiras, e fica-se a cismar e a fumar.

E' claro que só se compreende as mãos nas algibeiras para tirar de dentro qualquer coisa: o lenço ou uma guloseima para o cão. Mas assim não pensa o dono; lá deixa ficar as mãos até que eu, sentado ao lado, à espera que êle as tire para me coçar, perco a paciência! Ladro, escancaro os olhos com fúria, e puxo pelo braço dele *quanto posso* até êle tirar a mão para fóra!

Pois primeiro que êle compreenda que eu desejo ser coçado no peito (tanto mais que não chego lá com as patas), não se imagina o que é! Tenho um trabalhão!

A' medida que me vou tornando mais velho, vou sendo mais exigente com as pessoas: descobri que isto de se ser muito humilde, muito dócil, muito bonacheirão, é bom para outras raças de cães. Um Lúlú de boa família é sempre orgulhoso, enérgico, vivo e ligeiramente impertinente... Mas quero ser sempre correcto — e uma senhora amiga dos donos, anda a ensinar-me as boas maneiras.

(Segue no próximo número)

ABELHINHAS

No meio de grande algazarra, a Abelha Mestra Maria Amélia tocou uma campainha com agitação; e o zumbido estridente das abelhinhas cessou...

— Tenho a informar que falta hoje aqui uma importante abelhinha!

— E' a Vera! — gritaram algumas vozes.

— Tal qual — continuou Maria Amélia — mas não é por não querer ser sócia; pelo contrário. Talvez seja ela a mais trabalhadeira de tôdas nós! Fiquem sabendo, queridas abelhinhas, que a Vera já fundou um centro de abelhinhas, já começaram a juntar coisas para dar às crianças pobres, já fizeram vários trabalhos, já...

— Viva a Vera! Vivaaaaa! — rompeu um côro vibrante, acompanhado de palmas.

Maria Amélia agitou a campainha.

— Em vista da Vera ser a Abelha Mestra do 2.º centro, eu proponho que se formem já outros centros de abelhinhas cada um com a sua Abelha Mestra!

— Sim! Sim! — gritaram tôdas.

— E agora — continuou Maria Amélia — Vou ler alto a linda carta que a Vera escreveu à directora da Página das Lusitas:

Lisboa, 15 de Junho de 1939

Minha boa amiga

Gostei muito de receber a sua cartinha e não percebo como soube tantas coisas a meu respeito e da nossa Associação!

Vou responder a tudo que me pregunta.

A Associação fundou-se logo que saiu o primeiro Jornal da Mocidade.

Eram quatro associadas e eu Abelha Mestra; agora já somos dezanove.

Como havia meninas que queriam lugares importantes nomeei uma secretária a quem entreguei um livro onde se escrevem os nomes das abelhinhas, as coisas que se entregam, as multas e os dinheiros que as meninas querem dar. Com êste dinheiro compram-se bonecas que nós depois vestimos. Também temos uma tesoureira que tomou conta do mialheiro.

Como as abelhinhas são às vezes mandrionas, puz uma multa de $50 para quem não apresentar trabalhos ou bonecos ao fim do mês. Já temos muitas roupinhas, mas os bonecos é que ainda são poucos.

Estou muito atrapalhada com o retrato porque não sei se é preciso estarmos tôdas fardadas. Eu tenho farda, mas as outras não sei se já têm. Vamos ver se conseguimos fazer uma Associação muito grande, o que será difícil.

Diz que me queria conhecer, também eu gostava, porque os seus livros são muito engraçados. Gosto muito de todos. Fiquei muito admirada de receber uma carta com o nome da Senhora que fez os livros que eu mais gosto.

Um beijinho muito agradecido da

VERA

— Pelo que acabam de ouvir — declarou Maria Amélia — já vêem que o 2.º centro — teve um começo brilhante: será assim com todos os outros?

— Há-de ser! Há-de ser! — gritaram tôdas; e a sessão acabou.

O LAR

A HABITAÇÃO

LIMPEZA

PARA que uma casa seja agradável não basta que o edifício seja bonito, como também não basta, para que uma casa seja higiénica, que tenha sol e as janelas estejam abertas todo o dia.

O *asseio* é uma condição indispensável para o bem-estar e a higiéne da habitação.

E como a casa fàcilmente se suja, exige, para andar limpa, cuidados de limpeza diários.

Precisamos, pois, de aprender a limpar a nossa casa porque, se deixamos acumular o pó e o lixo, por mais luxuosamente que a nossa casa esteja posta tudo perderá a frescura e a graça, e, além disso, se a nossa casa fôr um ninho de poeira, será também um ninho de micróbios.

Os compartimentos que habitualmente ocupamos (quarto, sala de estar, sala de jantar, cosinha e casa de banho) precisam de ser limpos todos os dias.

A limpeza diária duma casa consiste especialmente em *varrer* e *limpar o pó*.

COMO É QUE SE VARRE?

Tudo tem o seu preceito para ficar bem feito. Não basta pegar numa vassoura e zás, zás, para trás e para deante sem ordem.

Para uma casa ficar bem varrida deve-se varrer ao correr das tábuas para evitar que o lixo fique nas taladas da madeira; de vez em quando deve-se apanhar o lixo com a pá para facilitar o trabalho e também para não ir arrastando o lixo até ao fim e sujar talvez o sobrado ainda mais do que êle já estava. Nos cantos e debaixo dos móveis deve-se varrer com cuidado e, se a vassoura lá não chegar, emprega-se uma vassourinha ou mesmo um pano húmido.

Quando está vento, abre-se primeiro a janela e depois fecha-se enquanto se varre, para o vento não espalhar o lixo; depois de se varrer torna-se a abrir a janela para que a corrente de ar leve a poeira que ficou suspensa.

Quando se varre uma divisão muito suja com terra convém borrifar primeiro o chão para não levantar muito pó; mas deve-se borrifar ao de leve para não sujar ainda mais, fazendo lama.

Se o sobrado é encerado, tira-se a poeira com uma vassoura ou com uma escova embrulhada num pano que se sacode quando começa a estar muito carregado de poeira e depois dá-se lustro no sobrado com uma escôva própria ou com um pano de lã.

COMO SE LIMPA O PÓ?

Não se deve bater com o pano nos móveis para sacudir a poeira; seria um trabalho inútil, pois esta, que ficaria suspensa no ar, não tardaria a recaír sôbre os móveis donde a tiramos.

Deve-se arrastar o pano para apanhar a poeira sem a fazer voar e de vez em quando sacode-se o pano para o exterior (nas cidades é proíbido sacudir o pó para a rua, paga-se multa).

Não se deve limpar o pó *a fingir*, isto é, só onde o pó se vê...

A poeira é um inimigo que precisa de ser combatido, não apenas em campo descoberto, mas também nas trincheiras onde de esconde.

Temos de perseguir a poeira em tôda a parte e teimosamente: todos os dias temos de limpar a nossa casa se a não quizermos ver invadida por êste inimigo que entra sorrateiro e se oculta pelos cantos abrigando um exército de micróbios. E embora a poeira não contivesse micróbios, mesmo assim seria prejudicial à saúde porque torna o ar insalubre, provoca tosse, etc.

A poeira é a grande inimiga dos pulmões.

TRABALHOS DOMÉSTICOS

O serviço doméstico não é apenas um ofício para criadas de servir ou uma necessidade para quem as não pode ter.

A «ciência doméstica» é indispensável a tôda a mulher, porque dela depende em grande parte a felicidade, saúde e bem-estar da família e Deus confiou à mulher a sagrada missão de velar pelo bem dos seus.

Saber tratar da casa, conservá-la limpa e arranjada, agradável à vista e em condições de higiene, alegre e confortável, pode valer mais do que ter um diploma de doutora!

Não queremos dizer com isto que as filiadas da Mocidade devam ser umas ignorantes «gatas borralheiras».

Longe de nós tal ideia!

A instrução, não só valoriza a nossa personalidade humana, como nos torna mais aptas para o cumprimento dos nossos deveres.

O estudo desenvolve a inteligência e quantas vezes forma também o coração!

Além disso, é prudente que nos preparemos para a vida, pois quem sabe o que o futuro nos reservará! Um curso, ou qualquer aprendizagem profissional, são hoje indispensáveis para podermos olhar com tranqüilidade o dia de àmanhã.

Mas a par da instrução geral ou profissional, tôda a rapariga deve procurar adquirir conhecimentos domésticos. Quer fique solteira ou se case, quer seja rica ou trabalhe para viver, êsses conhecimentos ser-lhe-ão sempre úteis.

Se não tiver criadas, precisa de saber cuidar das suas coisas; se as tiver, para poder mandar bem, precisa de saber fazer.

O ensino doméstico faz parte do programa da «Mocidade Portuguesa Feminina». Bastaria isso para vós o estimardes, pois sabeis que êsse programa teve em vista tornar a vossa educação feminina completa e perfeita.

M. J.

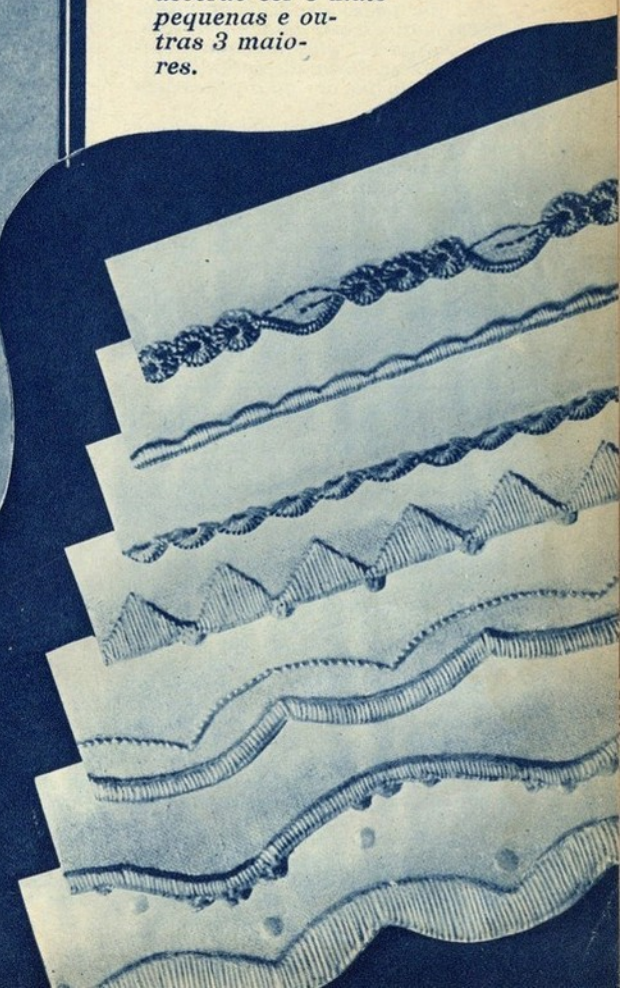
TRABALHOS *de* MÃOS

PUBLICAMOS hoje os modelos dum enxoval de recem-nascido. Damos também as amostras de alguns recortes com que essas peças de roupinha podem ser enfeitadas.

A roupinha dos bébés deve ser feita em pano macio, pois a sua pele é tão delicada ainda que qualquer coisa a magôa.

Se não pudermos comprar pano fino, poderemos aproveitar para as camisinhas pano já usado, porque é mais macio do que o novo.

Um enxoval de recem-nascido não deve ser muito grande porque a roupa que lhe está de bom tamanho quando nasce não tarda a deixar de lhe servir.

Mais vale fazer as peças de vários tamanhos. Por exemplo, se quizermos fazer 6 camisas, deverão ser 3 mais pequenas e outras 3 maiores.

Como deve uma Filiada da M. P. F. preencher o tempo de férias?

RESPOSTAS

Uma filiada da M.P.F. deve preencher o seu tempo de férias aproveitando tôdas as ocasiões possíveis de trabalhar pelo seu ideal: «Deus, Pátria e Família».

Por Deus, não descurando os seus deveres e práticas religiosas e exercendo o Bem e a Caridade.

Pela Pátria, honrando e prestigiando a Mocidade pelo seu comportamento, a sua palavra e as suas obras.

Pela Família, engrandecendo o seu Lar com a sua acção sempre activa, consciente e carinhosa.

Maria Isabel de Azevedo Coutinho

Filiada N.º 15.978 - Centro N.º 4 - Ala 1
Província da Estremadura

Como a filiada da Mocidade Portuguesa Feminina tem obrigação de ser uma alma aplicada e cumpridora dos seus deveres escolares, as férias devem constituir, principalmente, um período de descanso das fadigas do estudo e de recôbro de fôrças para o novo ano.

Entretanto, entendo que é também recomendável a leitura de obras que enriqueçam e aperfeiçoem o espírito, alternada com jogos ou desportos indispensáveis ao vigor físico.

Eu, que passo as férias na praia, aprecio muito, a par dessas diversões, jogar o Xadrez, que, na minha opinião, é um valioso disciplinador do espírito, pelo que obriga a pensar e a raciocinar.

Mas é ainda nosso dever ocupar parte do tempo em trabalhos que tôdas as mulheres devem executar, e que, por ventura, os estudos sacrificam. Neste caso estão, naturalmente, as ocupações domésticas, porque tôdas as filiadas da Mocidade Portuguesa Feminina serão, no futuro, perfeitas donas de casa.

Maria dos Prazeres Lançarote Couceiro da Costa

Filiada N.º 3.003 - Centro N.º 12 - Ala 1
Província — Douro Litoral

Férias. — Que encanto não tem esta palavra para tôdas! Pronunciá-la é prever os mais atraentes divertimentos, as maiores alegrias. E, no entanto, se recordarmos com sinceridade férias passadas, nada nelas encontramos que nos possa elevar.

Passaram-se os dias numa marcha vertiginosa e já o trabalho reaparece sem nada de útil termos praticado. Tristes procuramos, mas em vão, a realização de tantos projectos, de tantas boas acções. Como tudo esquecemos! Chegamos a revoltar-nos contra a fraqueza que nos deixou cair no esquecimento. Nem um só minuto teve no nosso espírito lugar a recordação dos infelizes, dos desgraçados. Desgraçados sim, porque trabalham o dôbro do que nós trabalhamos e nunca conheceram as delícias dumas férias.

Raparigas da M. P. F., minhas amigas portanto, avizinham-se umas férias e bem grandes.

Mostremos que uma das nossas principais qualidades deve ser: «ter fôrça de vontade e vencer». E êste «querer» que tôdas podemos pronunciar, devemos executá-lo. Temos de dar vida às nossas idéas. Devemo-nos divertir, é certo, esquecer mesmo tôdas as más recordações dum ano de trabalho, mas consagrar uma parte dos nossos dias aos infelizes, a êsses desprotegidos da fortuna, ajudando-os, incitando-os mesmo a ter fé, a ter esperanças de melhor vida.

E as férias, que tanto significam já para nós, terão, estou certa, novo encanto, melhores recordações.

Maria José Dias dos Santos

Filiada N.º 15.491 - Centro N.º 12 - Ala 1
Província - Douro

A Filiada da M. P. F. deve preencher o seu tempo de férias com obras que possam ser úteis a si e a todos aquêles com quem tiver possibilidade de conviver.

Deve, primeiro que tudo, cumprir os seus deveres familiares e só depois poderá estender a sua acção benéfica aos de fóra. Fará um grande bem trabalhando para os pobrezinhos; visitá-los e dar-lhes, ao menos, as mais rudimentares regras de higiene, mostrando-lhes ou demonstrando-lhes pràticamente como se fazem; reconfortando-os moral e materialmente, se fôr possível, e dizer-lhes que o Estado Novo pensa muito neles e procura, tanto quanto lhe é possível, melhorar-lhes as condições de vida; ensinando as criancinhas, almas ávidas de verdade e de luz, e tudo isto feito sem arrogância nem vaidade, mas com muita simplicidade e caridade. Deve contribuir também, e sobretudo pelo seu comportamento exemplar, para que novas ragarigas façam parte da nobre e sagrada milícia que é a M. P. F. Desta maneira, recristianiza e nacionaliza Portugal.

Por Deus e para bem da Pátria.

Maria Fernanda de Araújo Jorge

Filiada N.º 3.590 - Centro do Liceu de Carolina Michaëlis - Ala 1 - Pôrto, Douro Litoral

---

Oh! Terá tanto que fazer, se quizer e verdadeiramente fôr rapariga!

Tem irmãos mais novos?

A mãi deve estar cansada. E' justo que descanse um pouco e então a «rapariga», a «filiada» que primeiro que tudo é filha, deve ajudá-la.

E como o poderá fazer melhor senão tratando carinhosamente dêsses irmãozinhos, senão auxiliando a mãi no arranjo da casa.

Não gosta dos trabalhos caseiros? Não os sabe fazer?

Ah! Se não gosta aprenderá a gostar, pois que antes de tudo devemos aprender a educar a vontade e a submetê-la ao dever e prática do bem.

Não sabe... Uma rapariga, e, menos uma filiada, nunca diz: Não sei! mas sim: Quero aprender!

Estuda?

Há horas para tudo, e, se deve descansar um pouco dos trabalhos e canseiras do ano lectivo, pois que as férias para isso foram feitas, também não deve descurar dos estudos para que o trabalho do ano que vem seja menos intenso e mais fácil de levar a cabo com êxito.

Os irmãos estudam e precisam do seu auxílio?

Será bastante agradável servi-los, guiá-los e ajudá-los nas dificuldades, que, ou devido à tenra idade, ou atrazo, não conseguem sòzinhos vencer.

E... quando há horas em que não se sabe o que fazer porque não arranjar os irmãos ou primitos e levá-los a passear?

Eles gostarão e nós seremos felizes com a sua satisfação.

E... não há tantas mãis que não têm um trapinho com que tapar no inverno as carnes nuas dos filhos, que não só oferecem um espectáculo digno de dó como caminham para a doença e para o enfraquecimento dum ramo da grande árvore que é a Pátria?

Para que nos deu o Senhor as mãos? Porque não fazer delas o melhor uso possível?

Com boa vontade se fará um vestidinho, um casaco e até um enxoval que levará o confôrto às pobres crianças, que se vestem de sol no verão e choram de frio no inverno.

E demais, nós seremos felizes, pois não há maior alegria que fazer felizes os outros e espalhar todo o bem e alegria que possível fôr.

Vai para fóra? O centro em que passa as férias é uma aldeia da província onde sob todos os pontos de vista o atrazo de civilização é grande?

Então é que é pôr em acção as qualidades que como «rapariga», «filiada» e «católica», deve ter.

Tentará ensinar, se é que o pode, e querer é poder (querer é a nossa divisa, como diz o hino), com tôda a doçura, sem melindrar, as mãis que por vezes não sabem como tratar os filhos.

Como verdadeira filiada ensinará quem infelizmente não teve quem o ensinasse a amar a Deus, a Pátria e a conhecer os «grandes Homens e Mulheres» que tanto engrandeceram a nossa história e que fizeram a Glória do nosso Portugal.

Assim, creio que uma «filiada» da Mocidade Portuguesa Feminina, será digna de ostentar êsse título que eu já procuro engrandecer.

Maria Manuela Gomes da Luz

Filiada N.º 361 - Ala N.º 2 - Centro 1
Província da Estremadura

Deve utilizá-lo em exercícios físicos, tratar da higiene do nosso corpo, porque sem ela não somos saùdáveis; ler livros instrutivos; interessarmo-nos por tudo que diz respeito à «Mocidade Portuguesa Feminina»; estudar; auxiliar os necessitados; praticar desportos, como: ténis, patinagem, golf, etc.

Ajudar nossas mãis, e pôr em prática êste velho ditado:

«Deitar cêdo e cêdo erguer
dá saúde e faz crescer».

Maria José Côrte-Real Nobre Correia

Filiada N.º 9.517 - Centro N.º 1 do Liceu D. Gouveia
Província do Baixo Alentejo

(Continua)